

# DA RELIGIOSIDADE <sup>1964</sup>

VILEM FLUSSER

Há pessoas incapazes de repetir a mais simples melodia. Outras se tornam languidas ao ouvir um tango argentino. Há os que transpõem com os últimos acordes da "Flauta encantada" a porta celeste. Para outros o Cravo bem temperado representa o proprio intelecto humano transformado em fenomeno audível. São exemplos de diversos tipos de musicalidade. Há, paralelamente, diversos tipos de criação musical, cuja gama se estende desde o empenho comercial dos compositores de Hollywood até o empenho religioso de um Palestrina. E há, finalmente, o exercicio de criticos que "explicam" a musica, e de virtuosos que a "aplicam". Os virtuosos são aplaudidos e venerados, os criticos têm existencias um tanto mais recusas. Essa é, em termos gerais, a cena da musica, se desconsiderarmos fenomenos marginais como empresarios, editores musicais e fabricantes e lojas de discos. A forma da cena é mutavel, mas a musica como tal é, digamos, eterna. O proposito do presente artigo é forçar um paralelo entre musica e religião, e entre musicalidade e religiosidade. A comparação é sempre um metodo de estudo fertil, não tanto pelos seus resultados, mas pela distancia que pode proporcionar ao espirito contemplativo.

O fenomeno que corresponde á critica musical é, no campo da religião, um certo tipo de filosofia. Mas devemos confessar desde logo que a critica musical é infinitamente mais competente que a maioria da filosofia do tipo mencionado. Dou como exemplo o marxismo. Essa filosofia, tomada como critica da religião, considera os empresarios, os editores musicais e os fabricantes e lojas de discos como os fenomenos centrais da cena da musica isto é, naturalmente, transpondo de religião para musica, e acredita que a religião pode e deve ser explicada a partir dos empresarios e dos fabricantes. Como é possível tamanha excentricidade? E' que os filosofos marxistas dispõem de uma religiosidade que corresponde á musicalidade daquele que não sabe repetir a mais simples melodia. Algo como a critica marxista da religião é inconcebível no campo da musica, já

rias e auxiliares. A ela pretendo recorrer, portanto, no presente artigo.

Chamarei de religiosidade a nossa capacidade para captar a dimensão sacra do mundo. Embora não seja ela uma capacidade comum a todos os homens, é, não obstante, tipicamente humana. Certas pessoas, certas épocas e certas sociedades dispõem de um talento especialmente marcado para a religiosidade. Há pessoas religiosamente surdas, mas não há época nem sociedade inteiramente isentas de religiosidade. Pessoas religiosamente surdas vivem em mundos rasos e chatos, movimentam-se entre coisas transparentes (porque em tese inteiramente explicaveis), e dirigem-se para a morte que torna absurdos o mundo, as coisas e a propria vida. A capacidade religiosa torna profundo o mundo, opacas as coisas (porque nunca inteiramente explicaveis), e torna problematica a morte. A capacidade religiosa torna portanto obscura a visão antes clara do mundo, como a contemplação da paisagem torna obscura a visão clara do mapa. O pintor (aquele que procura captar a visão da paisagem) é portanto um obscurantista do ponto de vista do cartografo (aquele que reduz a paisagem á sua clareza plana e chata). E o homem religioso é um obscurantista do ponto de vista daquele que não é incomodado pela dimensão sacra do mundo. Como a clareza é desejavel, há pessoas que abafam dentro de si a voz da religiosidade e vivem como que com oculos escuros para ver mais claramente. Mas como a clareza é chata, há pessoas que fingem um sentimento religioso para o qual não tem capacidade, e vivem enganando-se a si mesmos. Estas duas inautenticidades opostas complicam o fenomeno da religiosidade.

Épocas e sociedades religiosamente fertes educam e fortalecem a capacidade individual para a religiosidade. Épocas e sociedades religiosamente pobres, como a época que está para encerrar-se, e a sociedade tecnologica, reprimem e abafam a capacidade individual para a religiosidade. Uma consequencia dessa repressão é a deformação da religiosidade, que assume

O nosso tipo de religiosidade nos define como existencias e estabelece o mundo dentro do qual existimos. E' verdade que no curso da nossa historia elementos da religiosidade grega, e em grau menor das religiosidades latinas, germanicas e slavas, infiltraram-se na nossa experiencia religiosa para enriquecê-la e aprofundá-la. Mas não alteraram a sua estrutura basica, que pode ser caracterizada pelos conceitos "fé" e "obras". A fé é a fidelidade ao significado transcendente do mundo e da vida dentro dele, fidelidade essa mantida em desafio a toda evidencia em contrario; é, portanto, absurda. As obras são resultado de nosso esforço em prol desse significado transcendente, esforço esse que transforma o mundo profano em mundo sacro pelo sacrificio: são, portanto, absurdas. A nossa religiosidade oscilla entre o polo absurdo da fé e o polo absurdo das obras. De certa forma, a historia do Ocidente é identica á oscilação do pêndulo da religiosidade entre os seus dois polos. Agostinho e S. Tomás, Calvino e Marx, marcaram-lhe o compasso. A absurdidade da nossa religiosidade é a nossa resposta ao absurdo do mundo profano. Essa revolta escandalosa contra a absurdidade pela absurdidade (para utilizar, embora em contexto diferente, um pensamento kierkegaardiano), marca a religiosidade do Ocidente.

As nossas religiões tradicionais são o ambiente dentro do qual a nossa religiosidade funciona. Para voltar ao paralelo com a musica, são as religiões tradicionais as organizações que nos fornecem as orquestras e as salas de concerto, e os seus sacerdotes são os nossos grandes virtuosos. Mas seria insincera a tentativa de negar que as religiões tradicionais estão em crise. Não satisfazem mais a nossa religiosidade. A crise das religiões não é resultado dos ataques empreendidos pelos "soit-disant" materialistas ateus mas os materialistas ateus são resultados da crise das religiões do Ocidente. Os esforços ecumenicos, que são tentativas de formar uma unica religião ocidental para enfrentar a irreligiosidade, são, portanto, a

meu ver, contraproducentes. A união das religiões só pode ser conseguida pela diluição da religiosidade, e essa diluição apressará a decadencia das religiões, já que deixará ainda mais insatisfeita a nossa religiosidade. O presente momento pode ser portanto caracterizado pela tentativa, consciente ou não, de darmos novo campo á nossa religiosidade. Como individuos e como sociedade estamos á procura de um veiculo novo que substitua as religiões tradicionais e abra campo á nossa religiosidade latente.

As inautenticidades e perversões da nossa religiosidade, das quais falei mais acima, são sintomas da procura. Na falta de um novo veiculo autentico, a religiosidade abre canais frustrados como partidos politicos ou seitas extravagantes. Mas em si é a procura um sinal da renovação e de saude. A Idade Moderna era, no campo da religiosidade, uma época decadente. Começou pelas guerras religiosas, portanto por uma exacerbação religiosa que é sinal de decadencia interna. Culminou no iluminismo, portanto numa religiosidade perversificada, já que desviada do transcendente e fixado sobre os dois conceitos para-religiosos "razão" e "natureza". E acabou na profanação total e enfadonha da tecnologia. A procura de um novo veiculo para a nossa religiosidade, que marca a meu ver a atualidade, é uma superação da Idade Moderna. Com efeito, todas as nossas atividades criadoras, inclusive, as científicas e as artisticas, estão dedicadas ao esforço de abrir novo campo á religiosidade. Com nosso intelecto ainda somos modernos, mas com nossa religiosidade já participamos de uma época vindoura. O que equivale dizer que somos seres de transição e em busca do futuro. Se as religiões tradicionais são inaceitaveis para essa nova religiosidade, se as religiões exóticas são desvendadas como fugas, e se o desvio da religiosidade para a politica, a economia e a tecnologia decepçiona, ficamos com a fome religiosa insatisfeita. Invejamos os que a satisfazem na forma tradicional ou nas formas substitutivas, mas simultaneamente sentimos desprezo por eles. Essa mistura de inveja e desprezo, de humildade e blasfemia, caracteriza a religiosidade insatisfeita. E' essa religiosidade não comprometida e portanto faminta de compromisso que construirá a meu ver o futuro.

ca marxista da religião é inconcebível no campo da música, já que a música é uma profissão de crítica musical. Pressupõe uma certa afinidade entre o crítico e a música, perfeitamente dispensável no campo da religião e filosofia. Dou, como outro exemplo, o freudiano. Essa psicologia filosofizante, tomada como crítica de religião, considera o crítico como figura central da cena, e cre que a crítica pode acabar com a música, libertando assim o ouvinte da necessidade de sujeitar-se a ela. E' que, provavelmente, o freudiano dispõe de uma religiosidade que corresponde á musicalidade daquele que soluça ouvindo tangos. Não é portanto, a meu ver, da crítica da religião que devemos esperar um esclarecimento do fenómeno religioso, pelo menos não no início do nosso esforço. Somos, creio, remetidos nesse esforço á nossa vivencia interna, á religiosidade. E' ela, embora tão variavel e insegura, a nossa unica avenida de acesso ao fenomeno religioso. Todas as demais aproximações são secunda-

giosidade. Uma consequencia dessa repressão é a deformação da religiosidade que assume formas artificialmente construídas como o Zen budismo nos Estados Unidos ou o paganismo atroz da Alemanha hitlerista. Outra consequencia dessa repressão é o desvio do ardor religioso da dimensão sacra para a profandidade chata, do mundo e resulta em pseudo-religiosidades como o endeusamento do dinheiro ou do Estado. Estas deformações e perversões da capacidade religiosa marcam a cena da atualidade e dificultam, portanto, a contemplação do fenomeno da religiosidade.

Feita abstração das formas inautenticas e das formas perversas, resta-nos a capacidade genuína para captar a dimensão sacra do mundo. Essa capacidade revela o mundo e a nossa vida dentro dele como realidade significativa, isto é, como realidade que aponta para fora de si mesma. Esse significado que o mundo e a nossa vida dentro dele tem é chamado "o sacro". A profundidade do significado, a extensão do sacro, depende da nossa capacidade para a religiosidade. O significado da vida pode ser, por exemplo, simplesmente a preparação para uma outra vida, em tudo igual a esta, mas mais feliz e eterna.

Este tipo de significado é conferido á vida por um tipo de religiosidade comparavel á musicalidade do apreciador do tango. E o significado da vida pode ser a superação do Eu e a sua diluição na imensidão do sacro. A intensidade da nossa capacidade religiosa é portanto variada. Mas a sua estrutura, a sua "Gestalt", é-nos imposta. Os grandes genios religiosos da nossa civilização a impuseram sobre as nossas mentes. O sacro é, para nós ocidentais, prefigurado e projetado por esses genios, como a musica é para nós prefigurada e projetada pelos grandes compositores. Mas aí a comparação entre musica e religião se torna insuficiente. Os grandes compositores estão no nosso mesmo plano ontológico, são gente como nós, embora certamente de proporções muito maiores. Mas os grandes genios religiosos, esses seres míticos como Abrão e Jacó, Moisés e, de maneira ainda mais acentuada, Jesus, são revelados, pela nossa capacidade religiosa, como participando de outro plano de realidade. Em outras palavras: a nossa religiosidade é limitada á realização de um unico projeto: aquele que foi inspirado, "in illo tempore", ao povo de Israel para realizar-se na civilização do Ocidente. Em suma: o sacro é, para nós, exclusivamente Deus. Sabemos intelectualmente de outros tipos de projeto, de outros tipos de religiosidade, e de outros tipos de sacro. Mas este conhecimento intelectual é intraduzível para a camada da vivencia religiosa, e as tentativas nesta direção estão fadadas ao malogro da inautenticidade. Somos, como seres religiosos, prisioneiros da revelação sinaica, por mais que nos rebelamos contra essas grades. E' esse o projeto dentro do qual fomos jogados e é essa, no fundo, a nossa definição de ocidentais dentro da qual existimos.